

9º Colóquio de Moda 2013  
Fortaleza, Universidade Federal do Ceará  
De 09 a 11 de setembro de 2013

**As roupas pelo avesso: cultura material e história social do vestuário**  
*The clothes inside out: material culture and social history of fashion*

Maria Cristina Volpi Nacif  
(Programa de Pós-graduação em Artes Visuais  
Escola de Belas Artes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
mcvolpi@ufrj.br

**Resumo:** Este ensaio discute o estudo da indumentária em acervos de objetos, tendo como exemplo a organização do Centro de Referência Têxtil/Vestuário, projeto que coordeno desde 2005, formado por amostras de tecidos, vestuário, acessórios e banco de imagens visando ao desenvolvimento de pesquisas sobre as formas vestimentares na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** materioteca, cultura material, formas vestimentares.

**Abstract:** *This essay discusses the study of clothing in collections of objects, taking as an example the organization the Centro de Referência Têxtil/Vestuário (Textile/Clothing Reference Center), a project I have been coordinating since 2005, consisting of samples of fabrics, clothing, accessories and an image bank aimed at developing research on ways of dressing at the Escola de Belas Artes (School of Fine Arts) of the Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

**Keywords:** *materioteca (resource center), material culture, ways of dressing.*

**Para uma história da indumentária**

O estudo da indumentária, sistema vestimentar formal e normativo de uma sociedade, formado por elementos que compõem a aparência vestida (ROCHE, 2000, p. 257), fundamenta-se na investigação de diversos tipos de documentos.

Ao repertório das fontes iconográficas somam-se os acervos de vestuário que passaram a ser investigados em seus aspectos materiais. Neste sentido, a preocupação com a conservação de têxteis e uma escolha diversificada de documentos levou o historiador a problematizar uma nova tipologia de fontes iconográficas (pinturas, estampas, gravuras e fotografias) associando-as aos documentos de arquivo (de notários, comerciantes, fabricantes e famílias) e aos

trajes. Por outro lado, passaram a serem estudadas as formas de vestir de outras camadas sociais – além das camadas dominantes -, ou de sociedades nas quais não se verifica a lógica da mudança própria no Ocidente. Estas novas abordagens contribuíram para enriquecer o historiador do vestuário com um novo arsenal metodológico.

O emprego desses diversos tipos de fontes revela formas e práticas vestimentares, contribuindo para a apreensão dos aspectos simbólicos do uso, sendo úteis, em muitos casos, para se conhecer a prática vestimentar efetiva, evidenciando o contexto no qual a aparência foi produzida.

Ao mesmo tempo, o traje e os acessórios de indumentária são documentos fundamentais para o estudo das formas vestimentares, “suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social” (MENESES: 1983 p. 112). Estão inscritas na materialidade das peças ações de fabrico e uso, registros de memória que revelam corpos e afetos. Ao mesmo tempo, as mudanças gerais da forma, da técnica de corte, dos materiais empregados, os hábitos sociais e suas relações com os espaços de vivência e seu reflexo nos hábitos de vestir evidenciam o caráter histórico do vestuário.

Estudos mais recentes sobre a indumentária fundamentam-se sobre a fusão entre o estudo do objeto e as abordagens teóricas (TAYLOR, 2004, p.85). Além do entendimento de seus contextos históricos mais amplos, a partir dos objetos pode-se compreender como são feitos, para que são usados, como se dá a circulação dos materiais e modelos e quais são os seus valores expressivos em termos culturais e estéticos.

A historiografia da indumentária no Brasil é bastante recente, sendo que estudos com foco em acervos de vestuário são mais raros<sup>1</sup>.

No Rio de Janeiro praticamente todos os museus da cidade têm alguma peça de indumentária em seu acervo, embora a maioria não ultrapasse o início do século XIX. Tanto a cidade quanto o estado do Rio de Janeiro possuem importantes acervos públicos<sup>2</sup>. Num levantamento inicial realizado na UFRJ destacam-se as

coleções de vestuário indígena e têxteis arqueológicos no Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, além de um pequeno acervo de objetos pessoais incluindo leques, relógios, joias e trajes eclesiásticos que fazem parte da Coleção Ferreira das Neves do Museu Dom João VI na Escola de Belas Artes.

### **Estratégias para formar o acervo**

O projeto do CRTV vem sendo desenvolvido desde 2005 no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Estudo da Imagem e do Objeto/NIO do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/PPGAV, visando à organização de materiotecas e banco de imagens com foco no estudo da indumentária no Brasil.

Segundo as categorias têxteis estabelecidas pelo *International Council off Museums* (ICOM), as indumentárias se dividem em militar, eclesiástica e civil. Em função da política de aquisição, dos parâmetros estabelecidos para sua constituição e do espaço disponível, o acervo começou a ser formado a partir de doações de peças de trajes civis dos séculos XIX e XX. Estes trajes formam uma categoria bastante ampla que inclui os trajes populares ou regionais, social, profissional, íntimos, de folgedos e os trajes de cena.

As rotinas de trabalho do acervo de trajes e acessórios foram estabelecidas e consolidadas, de modo a garantir a continuidade dos trabalhos. As peças são adquiridas por meio de doações voluntárias ou a partir de cartas com pedidos de doações. Cada traje recebido é examinado pela equipe por sua relevância com relação ao escopo do acervo e seu estado de conservação. São preenchidos o termo de doação e a relação de trajes. Quando identificados os usuários das peças, é preenchido o cadastro de usuário, com dados levantados por meio de entrevista com a pessoa que fez a doação. Em seguida, é preenchido o cadastro de peças contendo informações sobre classe, sub-classe, tipo, cor, material e técnica e outros dados relevantes. Em seguida a peça é fotografada, é confeccionada uma embalagem ou capa, e a peça é acondicionada na forma mais

adequada ao seu formato e material. Estas atividades são realizadas com a orientação da professora, pela equipe de bolsistas.

A capacitação constante dos alunos envolvidos no projeto se dá, nesta fase, por meio de parcerias com setores na UFRJ e noutras instituições, com o Museo del Traje de Madrid, na Espanha. São feitas visitas técnicas em museus no Rio de Janeiro e em São Paulo, e incentivadas a participação em seminários e cursos que possam contribuir para as ações necessárias de coleta, acondicionamento, guarda, indexação, e recuperação de dados.

### **Aporte teórico-metodológico empregado**

O acervo de trajes e acessórios, núcleo central do CRTV, possui atualmente 108 peças entre vestidos, casacos, ternos, fraques, coletes, camisolas, anáguas, combinações, saias, sapatos, bolsas, cintos, chapéus, luvas, além de caixas de chapéus.

As peças do acervo foram guardadas no mobiliário existente na sala 709 da Escola de Belas Artes e que foi adaptado para este fim. Ele possui armários e grandes gavetas de madeira, levando-se em conta a melhor forma de armazenagem, plana ou vertical dependendo do formato e material da peça.

Para a armazenagem plana foram utilizadas as gavetas forradas com polionda, a fim de evitar que a madeira entrasse em contato direto com os trajes. Roupas feitas de renda ou cambraia, peças menores, como as luvas, roupas de baixo e trajes infantis foram acondicionadas nas gavetas.

Peças de vestuário como casacos, paletós e vestidos foram armazenados verticalmente, em cabides de plástico acolchoados e forrados com algodão cru cobertas com capas de algodão cru, em largura padrão e comprimento de acordo com o formato da peça a ser guardada. Esta capa tem uma janela na lateral, forrada com poliéster transparente para que se possa ver uma parte do traje e um bolso para ser incluída uma fotografia da peça, permitindo a identificação da mesma sem manuseio direto.

A partir de pesquisas desenvolvidas pelos alunos bolsistas foram elaboradas as fichas<sup>3</sup> de catalogação que contivessem informações necessárias para subsidiar as pesquisas. Para a indexação das peças de vestuário no acervo torna-se necessário definir um sistema descritivo adequado. A classificação dos trajes e acessórios é feita a partir de duas propostas de sistemas descritivos (*Vêtement et Sociétés II*, 1984, pp. 363 a 373 e 375 a 381).

Os parâmetros utilizados para elaborar um léxico que sirva para a classificação e recuperação por acesso ao banco de dados on-line, dessas diferentes peças museológicas, levam em conta as características materiais e simbólicas das roupas. As zonas de apoio da peça no corpo foram tomadas como elementos de definição da roupa, a partir das quais, foram listadas as características formais do vestuário, ou seja, as partes do traje. Além disso, são descritas as matérias e as técnicas empregadas para o fabrico. No sistema descritivo utilizado as classificações não deverão ser rígidas podendo receber novos termos.


Além das categorias têxteis já indicadas anteriormente, os trajes classificam-se genericamente a partir de sua relação com o dia e a noite, o inverno e o verão e as situações sociais em que são usados e que estabelecem os graus de formalidade.

As peças foram fotografadas e após o armazenamento em armários e gavetas, o número de inventário (siglado) é fixado em cada uma. As fichas estão em fase de preenchimento, incluindo a realização de um desenho técnico e o levantamento de referências bibliográficas.

A elaboração de uma apostila sobre guarda e conservação e um catálogo com fotos e informações básicas, complementarão as informações sobre o acervo indexado que ficará disponível on-line através da página do CRTV. O passo seguinte será a manutenção das coleções e o desenvolvimento de pesquisas sobre as peças que o compõe.

A cada doação são colhidos dados em uma ficha de cadastro sobre o usuário, sobre quem usou as roupas e em que circunstâncias com o objetivo de associar à

peça de vestuário gênero, idade, profissão, status, formalidade e situação em que foi usada. Sempre que possível são vinculadas fotografias das pessoas aos trajes.

CENTRO DE REFERÊNCIA TEXTIL/VESTUÁRIO			
FICHA DE CADASTRO DE USUÁRIO			
TERMO DE DOAÇÃO N°	002	PREENCHIDO POR	Cristina Volpi
1) IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO			
NOME	CLAUDIA DE ALMEIDA RIBEIRO GOMES		
DATA DE NASCIMENTO	28/10/1931		
LOCAL DE NASCIMENTO	Campos dos Goitacazes, RJ		
DATA DE FALECIMENTO	24/01/1982		
LOCAL DE FALECIMENTO	RJ		
2) CAPITAL SOCIAL			
ESCOLARIDADE			
COLÉGIO/ UNIVERSIDADE ONDE ESTUDOU	Formada em Psicologia na PUC-Rio		
PROFISSÃO [se for o caso]	Psicóloga		
LOCAL [AIS] DE MORADIA	Campos dos Goitacazes, RJ Niterói, RJ		
ESTADO CIVIL	solteira		
NÚMERO DE FILHOS [se for o caso]	Não se aplica		
3) IDENTIFICAÇÃO DO TRAJE			
TIPO	Vestido estampado com bolero		
COR	Tons de marrom e laranja		
Nº DE INVENTÁRIO	002-0018		
LOCALIZAÇÃO	Armário 12		
USO A QUE SE DESTINA	Vestido de coquetel		
FORMALIDADE	Formal		
DIA/NOITE	Dia – tarde		
INTERIOR/EXTERIOR	Interior		
DATAÇÃO	Década de 1960		
FABRICANTE/AUTOR	Sem autor		
FOTO DO TRAJE			
DESCRIÇÃO DA PEÇA	Vestido de seda estampada em tons de marrom e laranja, forrado, sem mangas, com decote redondo na frente e atrás, com saia rodada, abaixo do joelho, usa com bolero		

	com mangas e gola chalé do mesmo tecido do vestido
ÉPOCA EM QUE FOI USADO	Década de 1960
OBSERVAÇÕES SOBRE O USO DO TRAJE	Desfile de modas, década de 1960, Rio de Janeiro. À esquerda na fotografia, Claudia Ribeiro Gomes vestindo o conjunto formado por vestido e bolero atualmente no Acervo do CRTV.
FOTO DO USUÁRIO	

Ilustração nº 1: Exemplo de ficha de cadastro. Acervo CRTV.

**Foto do traje: Carolina Morgado Pereira.**

**Foto do usuário: 24 cm X 18cm. Acervo Família Gonçalves de Mello, gentilmente cedida por Marcia Mello.**

Algumas peças foram entregues em suas caixas, como é o caso de dois chapéus masculinos da década de 1930, com o logotipo da loja no estilo *Art Déco*. Outras contêm pequenas anotações: “feito pela mamãe” escrito á lápis na caixa com a roupa de batizado masculina dos anos 1950, ou ainda o nome das pessoas retratadas no verso da fotografia.



Ilustração nº 2: cerca de 1880<sup>4</sup>.

**FOTO: Carte de Cabinet, frente e verso. 10,70cm X 16,40cm. Acervo da autora.**

Na frente da fotografia está impresso na margem inferior: Tavares Sobrinho succr. De Carneiro & Gaspar; no verso está impresso: Tavares Sobrinho sucessor de Carneiro & Gaspar 54 Rua de Gonçalves Dias 54 Rio de Janeiro D.Hutinet Paris; e escrito a caneta: “Da esquerda para direita – tia Ida – Dindinha – Mamãe ou Ida Catarina, Laura Maria, Cecilia Salomé”]

A coleta de dados e a organização do acervo desse modo contribuem para que o estudo das peças se dê da forma mais acurada possível. Tais dados não só revelam o investimento afetivo, mas também, contribuem para determinar as características da camada social associada a prática vestimentar.

Tanto peças de vestuário, quanto embalagens onde foram guardadas, fotografias dos usuários envergando os trajes, breves anotações e relatos colhidos junto às pessoas que doaram as peças fazem parte do conjunto material e imaterial a ser analisado, a partir da fundamentação teórica dos estudos de cultura material aplicados à história social, segundo os quais os objetos encarnam padrões de crenças e comportamentos (Jules David Prown: 1982). A metodologia empregada para análise é formada por três etapas: a) descrição (análise substancial, conteúdo e análise formal), b) dedução (experiência sensorial, experiência intelectual e resposta emocional) e c) especulação (formulação de hipóteses, programa de pesquisa), associadas à investigação das evidências externas (análises quantitativa, estilística e iconológica).

Além disso, os indicadores sociais são analisados a partir das propostas teóricas de Pierre Bourdieu para quem:

“As propriedades actuantes, tidas em consideração como princípios do espaço social, são as diferentes espécies de poder ou de capital que ocorrem nos diferentes campos. O capital - que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado



momento), e mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos (...)” (BOURDIEU: 1989, p. 134)

Os indicadores do patrimônio econômico, cultural e social das histórias de vida formam um conjunto coerente com o vestuário, figurando o espaço social no tempo.

### **O objeto como documento**

O significado social que o traje adquire se expressa através de sua estética e, ao mesmo tempo, revela a ligação intelectual e afetiva que se estabelece entre o traje e seu usuário. Além disso, seus aspectos plásticos não se reduzem a termos puramente estáticos, uma vez que o corpo está em movimento.

Não só a forma e o movimento do corpo servem como referencial para a elaboração dos trajes: a partir do Renascimento, a moda é um fenômeno social característico do Ocidente que vem regular as formas vestimentares. Tendo como metáfora perfeita o vestuário, é frequentemente confundida com ele. Nas sociedades modernas, a mudança frequente nas formas dos trajes e acessórios é o elo entre o individual e o coletivo.

A moda faz parte do universo de signos urbanos desde sua origem. Sua variação constante e a tipologia prescrita pela educação formal e pelos agentes legitimadores do padrão dominante associam práticas sociais e os lugares da cidade onde são usados esses trajes.

Os manuais de etiqueta reproduzem os códigos de civilidade ensinando que o traje de passeio deve ser usado nos passeios públicos, parques e jardins, enquanto que o traje de baile, no interior das casas, clubes ou hotéis, enquanto

que se enverga o traje esporte em situações menos formais, onde são praticados o lazer e o esporte.

Desse modo se articula a aparência vestida e o espaço urbano transformado em cenário, contribuindo para estreitar a relação entre a cidade e a moda.

Como fato antropológico quase universal, a indumentária situa-se ao lado da linguagem e da arte como prática significativa e, como objeto, faz parte do conjunto de instrumentos através dos quais o homem interfere no ambiente natural, domínio da cultura material.

As questões que emergem da experiência com a “coisa real” são

““(…) um esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, (...)” (FEBVRE: 1949, ed. 1953, p.428 APUD FUTEMMA: 2006, p. 24).

Ao nos debruçarmos sobre este pequeno acervo, procurarmos estar contribuindo singelamente para uma escrita da história da indumentária no Brasil.

### **Referências bibliográficas**

Actas da Conferência Internacional de Textiles e Indumentaria/ICOM. Madrid: Museo Nacional del Pueblo Español, 1991.

BARTHES, Roland. *O sistema da moda*. Lisboa: Ed. 70, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Ed. de Minuit, 1979.

DELAPORTE, Y. *Vêtement et sociétés 2*. Paris: L'Ethnographie, 1984.

Guia de Museus Brasileiros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Uspiana – Brasil 500 anos).

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais; nascimento do consumo XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FREIRE-MEDEIROS, B. et al. *Estudos históricos*, vol. 24, n. 48, jul – dez. de 2011. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, 2011.

FUTEMMA, O. *Rastros de pericia, métodos, intuição: descrição do arquivo Paulo Emilio Salles Gomes*. Diss. de Mestrado, ECA/USP, 2006.

MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. In: *Revista de História* (Nova Série) N.115, julho/dezembro. São Paulo: USP, 1983.

TAYLOR, L. *Establishing dress history*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2002.

TAYLOR, L. *The study of dress history*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2004.

PAULA, T. C. T. (ed.) *Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006.

PROWN, Jules David: Mind in Matter: An introduction to Material Culture Theory and Method. *Winterthur Portfolio*. Vol. 17, no 1 (Spring, 1982) Pp. 1-19. <http://www.jstor.org/stable/1180761> acesso em 07/09/2010.

*Vêtement et Sociétés II*. Paris: L'Ethnographie, 1984.

---

<sup>1</sup> Em 1997 foi criado o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Moda (NIDEM), liderado pela socióloga Solange Wajnman e vinculado à Universidade Paulista, campus Paulista, São Paulo, SP, com a finalidade de produzir e divulgar as pesquisas acadêmicas sobre moda, articulando os campos da história, antropologia, sociologia e comunicação. Realizado anualmente desde 2005, o Colóquio Nacional de Moda, é uma iniciativa de pesquisadores vinculados a instituições de ensino e pesquisa brasileiros e se constitui num fórum importante para divulgação e discussão de pesquisas sobre moda. No âmbito do Colóquio de Moda, o grupo de trabalho Moda, Cultura e Historicidade do qual faço parte, trata da produção historiográfica sobre moda e cultura das aparências. Como resultado destes debates foi publicado BONADIO, Maria Claudia e MATTOS, Maria de Fatima. **História e cultura de Moda**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2011. Em 2011 durante o I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MODA VI FAV FASHION na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, foram apresentados trabalhos sobre a pesquisa em acervos têxteis, no eixo temático “Têxteis, materialidade, visualidade, sentidos e patrimonialização”, sob a coordenação de Rita Andrade (FAV/UFG) – uma das primeiras pesquisadoras a empregar o traje como corpus principal em suas pesquisas no mestrado e no doutorado - e Manuelina Duarte (FCS/UFG), privilegiando o estudo de coleções de museus como fontes primárias.

<sup>2</sup> Na cidade do Rio de Janeiro os principais acervos públicos com coleções de trajes e acessórios são: Museu Histórico Nacional, Museu da República, Museu Carmen Miranda, Museu Casa de Benjamin Constant, Fundação Casa de Rui Barbosa, Museu da Academia Nacional de Medicina, Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Museu Sacro, Museu da

---

Polícia Civil, Museu do Trem, Museu dos Teatros do Rio de Janeiro, Museu Histórico e Diplomático - Palácio Itamaraty, Museu Naval e Oceanográfico; em Niterói, RJ: Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro; em Petrópolis, RJ: Museu Imperial, e em Vassouras, RJ: Museu Casa da Hera. IN: **Guia de Museus Brasileiros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Uspiana – Brasil 500 anos).

<sup>3</sup> As fichas utilizadas como exemplo foram as do Museu D. João VI e outras exemplificadas nos anais do Seminário Internacional Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções, O Museu Paulista, USP realizado em maio 2006.

<sup>4</sup> Ida Catarina Lahmeyer, Laura Maria Lahmeyer e Cecilia Salomé Lahmeyer.